

PRONTO-SOCORRO ESCOLAR

EM CASOS DE RECUPERAÇÃO, OS PAIS DEVEM PROCURAR AJUDA PARALELA À ESCOLA. SE HOVER REPETÊNCIA EM ATÉ DUAS MATÉRIAS, A DICA É CURSÁ-LAS NO ANO SEGUINTE SEM REPROVAÇÃO

DF Educação

Rosana Gonçalves
Da equipe do Correio

André Corrêa

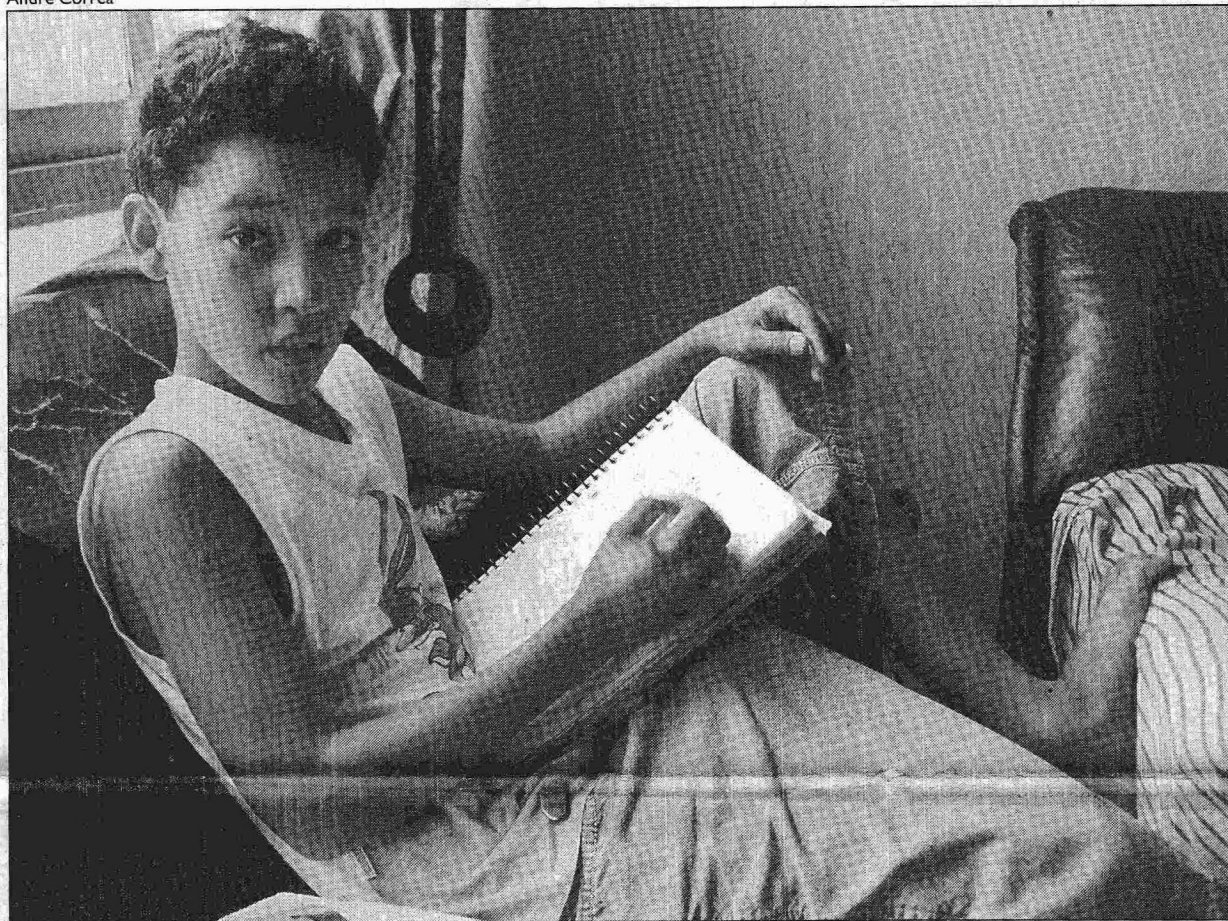
Fim do ano letivo. Alunos e pais esperam que o ano dedicado aos estudos seja recompensado com a aprovação para o ano seguinte. Mas nem sempre é assim e, nesse caso, até saírem os resultados finais, é só preocupação e ansiedade.

Quando são inevitáveis, a recuperação, a dependência ou reprovação podem até provocar mal estar familiar. Aulas de reforço, professor particular ou castigos como forma de punição. O que fazer?

Em geral são os pais que tomam a iniciativa de correr atrás do prejuízo, quando constatarem que os filhos não conseguiram alcançar a média que os levaria para a série posterior. Acompanhar os filhos em suas atividades escolares e no seu desempenho desde o início do ano é uma das medidas que educadores recomendam para evitar surpresas desagradáveis, como sugere a professora Nájila Veloso, assessora do Departamento de Pedagogia da Fundação Educacional do Distrito Federal.

Para ela, não existem alunos melhores nem piores, mas sim alunos com ritmos diferentes de aprendizagem. E quem não está num ritmo muito afinado é Sandro Fortes de França, 17 anos, aluno do 1º ano do 2º grau do Centro de Ensino do Núcleo Bandeirante, em fase de provas finais. "Se depender de química e matemática não vou passar", prevê o estudante, que poderia estar concluindo o 2º grau se não tivesse sido reprovado por duas vezes, na 5ª e 8ª séries.

Esta situação não incomoda tanto o tranqüilo Sandro, mas preocupa a mãe, a comerciante Maria Lúcia de Carvalho França, 56 anos. "É difícil fazê-lo estudar, mas eu insisto e faço o que me cabe como mãe", conta. Ainda que fique proibido de jogar bola ou ir a shows quando tira notas abaixo da média ou fica em recupera-



Para evitar a recuperação na quinta série, Leo, 11 anos, repassa todos os dias com sua mãe a matéria dada em sala de aula

ção, Sandro não se deixa abater. Pede à mãe para relevar ou acaba se conformando com a punição. Até receber o próximo castigo. Maria Lúcia não culpa professores nem a metodologia de ensino pelo fraco desempenho do filho.

O bom humor de Maria Lúcia não a impede de tomar medidas mais duras, na esperança de que o filho se interesse pelos estudos. A partir do próximo ano, nada de ir para a escola durante o dia — Sandro estuda no período vespertino. Ela mesma cuidou de fazer a renovação de matrícula do filho, mas para o horário noturno. "Ele vai ter que trabalhar, além de estudar. Acho que as pessoas que trabalham têm mais estímulo para estudar, porque vão querer ter empregos melhores", avalia Maria Lúcia.

A assessora do Departamento de Pedagogia da Fundação Educacional lembra que a recuperação ou reprovação em determinada disciplina pode ser sinal de alerta, mostrando que muitas vezes as dificuldades de aprendizagem são causadas por fatores externos ao ambiente escolar.

A funcionária pública Aldinéia de Oliveira Silva, 32 anos, é uma das que procuram seguir essa diretriz. Diaria-

mente, reserva parte do tempo que dispõe para discutir com o filho Léo, de 11 anos, as atividades vistas por ele em sala de aula e as tarefas passadas pelos professores. Se isso não acontece, o aluno da 5ª série do Centro Interescolar Caseb reclama com a mãe. "Quando está difícil, peço para ela me ajudar" diz o garoto.

Léo também não tem conhecimento ainda de suas notas finais, e apesar de apresentar dificuldades em português, a expectativa da mãe

é de que o empenho do filho e a dedicação dela sejam compensados. "A gente que trabalha fora não tem muito tempo para uma supervisão mais sistemática das atividades escolares dos nossos filhos. Mas faço o possível. Se for preciso, um professor particular pode até ajudar, e ainda assim os pais devem participar do processo de aprendizagem", diz a funcionária pública.

Mas ela não dispensa os castigos quando percebe que as notas baixas foram por displicência ou falta de atenção do filho. Aí não tem videogame, futebol ou qualquer outro tipo de brincadeira com os amigos.

A coordenadora pedagógica da Escola Monteiro Lobato, Cristiana de Castro concorda com Aldinéia Silva em relação ao tempo disponível dos pais para acompanhar diariamente a vida escolar dos filhos e quanto a opção pelo reforço particular.

"Há casos de alunos com dificuldades para se expressar em sala de aula e aí um atendimento individual, com professor particular, pode ser importante", pondera, lembrando que as atividades profissionais tomam cada vez mais o tempo das pessoas.

Juciane de Melo vai mais além para que o aprendizado extra tenha bons resultados. "O professor particular tem que saber qual é o método de ensino e a forma de avaliação adotados pela escola onde o aluno estuda, senão ao invés de melhorar, pode pôr tudo a perder", afirma.

O pensamento dela é reforçado pelo professor Jerry Mayner, que há mais de oito anos dá aulas particulares de português, física, química e matemática. "A gente tem um leque de escolas, portanto se não soubermos qual a didática, a metodologia daquela de cada uma e o aluno não tiver acompanhamento dos pais, o trabalho pode não resolver".

RECUPERAÇÃO PARALELA

No método de formação integral proposto pela Escola Candanga — implantada em 268 escolas de ensino fundamental da rede pública — os alunos, acompanhados por profissionais de educação ao longo do ano, não perdem o ano letivo por causa de uma ou duas disciplinas. No ano seguinte, eles fazem a chamada recuperação paralela do conteúdo não assimilado.

A assessora do Departamento de Pedagogia da FEDF, entende que é uma crueldade fazer com que o aluno reveja todas as disciplinas do ano anterior por causa de uma ou duas em que teve dificuldades, pois a repetência nem sempre garante o aprendizado.

Ao invés de séries, o método da Escola Candanga agrupa alunos por faixa etária e em três fases. A primeira, implantada em 1996 abrange alunos de seis a oito anos; a segunda, de oito a 11 e a terceira, que será implantada no próximo ano, contemplará alunos de 12 a 18 anos. Num processo gradativo, este método deverá chegar a todas as 570 escolas da rede pública, incluindo as de 2º grau e de ensino profissionalizante.

SERVIÇO

AULAS PARTICULARES
Variam de R\$ 15,00 a R\$ 20,00 a hora/aula, para qualquer disciplina de 1º e 2º graus.

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA DA FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO DF
Fone: 348-5500

ESCOLA MONTEIRO LOBATO
HCGN 713 — Fones: 273-1270/347-0334

JERRY MAYNER
Professor particular — Fone: 977-0712

ORIENTAÇÕES

■ Os pais devem acompanhar o processo de aprendizagem durante todo o ano letivo

■ Os pais têm que estabelecer um horário, em que também estejam disponíveis, diariamente para auxiliar o filho nas atividades escolares

■ Se for preciso contratar um professor particular, que este tome conhecimento da metodologia de ensino adotada pela escola do aluno que ele propõe ajudar